

Educomunicação na educação básica: dos projetos ao protagonismo juvenil

ISMAR DE OLIVEIRA SOARES; ANTONIA ALVES PEREIRA & CRISTIANE PARENTE DE SÁ BARRETO

ismarolive@yahoo.com; antoniaalvesjor@yahoo.com.br; cristiane.pARENTE@hotmail.com

Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade do Minho (Portugal)

Resumo

Este artigo descreve como redes de ensino absorveram o pensamento do Núcleo de Comunicação e Educação em suas práticas educativas a partir do levantamento de pesquisas acadêmicas realizadas de 2007 a 2013 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. As pesquisas sobre o programa Educom.rádio da rede pública de educação da cidade de São Paulo (ALVES, 2007; TAVARES, 2007; FUNARI, 2007; BRUNI, 2010; BORGES, 2009) averiguaram a coordenação operacional baseada em processos comunicacionais, a mediação, a gestão, o planejamento educacional e a expressão comunicativa dos alunos nos projetos. Por sua vez, nas redes privadas salesiana, Sesi e no Sistema COC (PEREIRA, 2012; ZANIN, 2013; ANDRADE, 2013; RODRIGUES, 2013), a preocupação residuiu em encontrar indícios de abertura ao paradigma da Educomunicação em sua gestão, currículo, projetos interdisciplinares e material didático. Seja naqueles implantados com intencionalidade educacional ou nos que dialogavam com essa perspectiva, os pesquisadores apontaram fortes evidências de que os processos de trabalho levam os alunos a se apropriarem de recursos midiáticos, tornando-se protagonistas na produção de cultura que beneficia o espaço escolar e a comunidade local.

Palavras-Chave: Educomunicação; interdisciplinaridade; gestão de processos comunicativos; protagonismo

INTRODUÇÃO

As práticas educativas e comunicativas do continente americano deram contribuição significativa à educação formal desde que Paulo Freire, ao criticar a educação bancária, propôs uma comunicação dialógica em que alunos e educadores construíssem juntos o aprendizado a partir de sua experiência cultural. Sua proposta encontrou respaldo graças aos movimentos revolucionários de comunicação alternativa e educação popular, que emergiam entre os anos de 1960 a 1980, ligados a grupos populares, sindicatos, comunidades eclesiais de base (CEBs) da Igreja Católica, dentre outros organismos.

Tendo surgido na educação não-formal, as práticas comunicativas percussoras da Educomunicação fomentaram a partir dos anos 2000 experiências significativas em redes de educação pública – cidade de São Paulo e estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás – e particular – como as Escolas Salesianas do Continente Americano (ESA) e a Rede Salesiana de Escolas no Brasil (RSE).

As experiências com cineclubes e programas que se alimentavam dos estudos de recepção - oriundos de projetos de resistência cultural e comunicativa desenvolvidos nas décadas anteriores - contemplavam um olhar crítico em relação

à comunicação hegemônica. Um dos projetos foi o *Programa de Leitura Crítica dos Meios* (LCC), proposto pela União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), na década de oitenta, que encontrou grande abertura nas escolas, principalmente naquelas ligadas à Igreja Católica. Outra experiência foi a *Campanha da Fraternidade*, da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), que propôs a temática da Comunicação em 1986, desencadeando experiências com projetos interdisciplinares nas escolas e que, tempos depois, foram identificados como educacionais.

Essas discussões em torno dos programas de *comunicação para a educação* aconteciam também nos Estados, passando pelas fases defensivas, de desautorização dos programas até chegar numa fase socioconstrutiva embasada em um paradigma mais aberto de exploração e análise das mensagens midiáticas graças ao conceito de multiculturalismo. Na América Latina, primeiro se deu as discussões a partir do impacto negativo da mídia para depois passar para reflexão a partir do fenômeno da cultura contemporânea e as relações entre os receptores e os meios de comunicação.

Especificamente no cenário brasileiro, a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB) abriu espaço para a introdução da *educação para a comunicação* nos currículos, apontando uma concepção emancipadora da educação, inspirada em Paulo Freire (1925-1997) – concepção de uma educação libertadora/igualitária entre os sujeitos – e em Célestin Freinet (1896-1966) – prática educativa através da produção de jornais escolares que levaram os alunos a serem sujeitos produtores de conhecimento.

Com o advento da entrada das tecnologias educativas nas escolas, a reflexão crítica passou a denunciar uma visão funcionalista e mecanicista que precisaria ser superada, tendo em vista a promoção da democratização e do acesso ao conhecimento, por meio da inclusão midiática estabelecida sobre uma ação política democrática.

Assim, a passagem da década de 1999/2000 presenciou uma convergência significativa nos estudos sobre a interface Comunicação/Educação. Diferentes pesquisadores latino-americanos tomaram para si a reflexão sobre a inter-relação entre os dois campos científicos a partir de diferentes perspectivas. O *diálogo problematizador* de Paulo Freire fora assumido por Mario Kaplun, em sua proposta de *comunicação educativa* pautada na lógica de uma sociedade global humanizante e edificada no diálogo, na cooperação solidária e na reafirmação das identidades culturais (Kaplun, 1997: 75).

Ao apontar o descompasso entre os campos, Jesús Martín-Barbero enfatiza a urgência da comunicação pedagógica chegar à *dimensão estratégica da cultura por meio da tecnicidade midiática* – já que ainda se embasa no texto impresso e na transmissão de conteúdo. Jorge Huergo também dá sua contribuição quando define essa interface como uma *topografia cultural* apresentando áreas de confluência que se estabelecem em relações entre as instituições educativas e os horizontes culturais, entre a Educação e os meios de comunicação e entre a Educação e as novas tecnologias.

Para os pesquisadores brasileiros José Braga e Regina Calazans há questões delicadas comuns aos dois campos, necessitando de novos ângulos de observação

que passam por intencionalidades educativas e pela interdisciplinaridade, pois um campo influencia no pensar do outro. Contudo, é Ismar de Oliveira Soares quem apresenta a perspectiva epistemológica do reconhecimento da existência de um terceiro espaço autônomo, interdiscursivo e transdisciplinar, denominado Educomunicação.

Nesse contexto transdisciplinar é que surge a contribuição do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP), ao identificar a interface como um novo campo do conhecimento que herda a contribuição desses pesquisadores. Seu caráter dialógico promove relações igualitárias entre os atores sociais, criando ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e interdiscursivos enriquecidos pelas perspectivas da interdisciplinaridade e da transversalidade nos processos culturais e aprendizagem processual.

O NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

O pensamento do NCE-USP se consolidou com a pesquisa realizada entre 1997 e 1998 com 172 especialistas da América Latina, Portugal e Espanha, cuja intenção era identificar o perfil educador dos agentes que trabalhavam na inter-relação Comunicação/Educação (Soares, 1999). Descobriu-se que as pessoas não estavam presas aos padrões de teorias das duas áreas, mas atuavam a partir de ideologias de transformação social embaladas pelas revoluções das décadas anteriores, pela comunicação dialógica libertadora de Paulo Freire e pela discussão sobre a democratização da comunicação.

Foi nesse momento que, sob a coordenação do professor Ismar, os pesquisadores do NCE-USP observavam esse paradigma como o conjunto das ações desenvolvidas por grupos sociais e nos movimentos, visando a transformação de alguma realidade específica. Houve ressignificação daquilo que Jesus Martín-Barbero havia definido como *ecossistema comunicativo*, deslocando o sentido de relação dos seres humanos com a tecnologia para designar todo tipo de relação entre pessoas mediadas pela tecnologia ou por processos e recursos da comunicação. A Educomunicação passou a ser designada como:

o conjunto das ações inerentes ao planejamento e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (Soares, 2001: 43).

No bojo dessa efervescência discursiva, os projetos coordenados pelo NCE-USP tornaram-se experiências paradigmáticas, apontando para alternativas de transformação na educação formal com o projeto *Educom.rádio*, desenvolvido na rede pública de educação da cidade de São Paulo entre os anos de 2001 a 2004. Esse projeto, em parceria com a Secretaria de Educação Municipal (SME-SP), visava reverter a violência nas escolas ao permitir a existência de relações mais democráticas no ambiente educativo, graças à gestão dos processos comunicativos entre professores e alunos.

Outros projetos do NCE-USP também passaram a ser alvo de investigação no programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/USP), dando legitimidade científica a esse novo campo. É essa contribuição que este artigo reconta.

A DISSEMINAÇÃO DO PENSAMENTO DO NCE-USP

Era inquietante a perspectiva relatada pelos mediadores do *Educom.rádio* de que os adolescentes pareciam se tornar antenas – ao terem um microfone em mãos durante a gravação de um programa de rádio – projetando de seu imaginário o sentido de protagonismo social do qual estavam investidos. Ao se tornarem pesquisadores, muitos mediadores buscaram depurar a prática diante da teoria através da área *reflexão epistemológica*.

Nosso recorte temporal recai sobre as dissertações e teses defendidas na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) entre 2007 e 2013 que se debruçaram sobre a educação formal. Do *Educom.rádio* foram analisadas sua coordenação operacional baseada em processos comunicacionais (Alves, 2007), sua proposta de mediação de processos comunicativos (Funari, 2007), a expressão comunicativa dos alunos (Tavares, 2007) e as estratégias de seu planejamento educacional (Borges, 2009).

Pesquisas internacionais também têm apontado para essa contribuição. Isabella Bruni, da Università La Sapienza, de Roma, publicou em 2010 o livro *L'Educomunicazione brasiliana sulle onde della radio*, tendo tomado como referência o *Educom.rádio*. Ganhando novo fôlego em 2005 através de uma lei municipal, o programa continuou a existir recebendo nova denominação: *Programa Nas Ondas do Rádio*. Em 2011, passou a ser observado pela pesquisadora vinculada à *University of London*, Beth Titchiner, estando seu interesse em pesquisar as experiências de alunos e docentes a respeito de temáticas como “identidades, poderes e saberes frente à experiência das mudanças nos ambientes educativos e comunicativos do século XXI” (Abeducom, 2013: 1).

Após treze anos trabalhando com Educomunicação a SME-SP continua seu percurso no sentido de levar a experiência educacional para todo o currículo escolar. Cabe aos pesquisadores do NCE-USP atuarem como formadores na rede de ensino, colaborando para a integração do conceito nos projetos interdisciplinares das escolas.

Os sites *Educom.TV* (2002), *Todeolho.TV* (2002), *Educom.rádio* (2001-2004) e *Educomradio-centro-oeste* (2005-2006), desenvolvidos pelo NCE-USP, articularam a linguagem digital na perspectiva da dialogicidade e interatividade como atributos da natureza da relação entre os mediadores dos processos educativos (Leão, 2008). Assim se deu a marca da inserção do NCE-USP na educação a distância (EAD) com o *Educom.TV* (Machado, 2009) e o curso de especialização *Mídias na Educação* (2006-2013) – parceria com o Ministério da Educação para formação docente no uso das novas tecnologias (Oliveira, 2002).

Percebe-se nessa experiência virtual e digital que as relações vivenciadas entre mediadores/tutores e cursistas se sobrepõem aos aparatos tecnológicos,

considerados como facilitadores. O diálogo franco e aberto se manifesta na relação que não visa o “comunicar pelo diálogo”, mas o “criar espaço para o diálogo” na percepção do outro (Machado, 2009: 138). Assim, o tutor pode ser chamado de educador posto que há atividades voltadas para a comunicação dialógica e para o estímulo do protagonismo juvenil (Mello, 2010). Além disso, o fato da EAD ser considerada parte integrante da área de *mediação tecnológica*, dá maior robustez à práxis das ações educacionais (Consani, 2008).

Outras pesquisas contribuem com a história da Educomunicação ao discutir conceitos como mídiamediação e tecnologia educativa, dentre outros, ao longo das duas décadas de constituição do campo (Messias, 2011). A investigação sobre cinema e educação, por exemplo, concluiu que o cinema ainda é visto como um recurso ilustrativo no universo escolar, mas poderia levar a uma prática dialógica que desencadearia projetos interdisciplinares envolvendo o cinema como cultura, linguagem e produção midiática (Mogadouro, 2011).

Ao lado dessas experiências na rede pública, redes de ensino privadas atuam em propostas educacionais assessoradas pelo NCE-USP. É o caso da organização salesiana que elabora a *Proposta de Educomunicação para a Família Salesiana*, em 2000, e assume-a como política de ação nas escolas do continente americano em 2001. Com o surgimento da Rede Salesiana de Escolas (RSE) no Brasil, em 2002, o paradigma da Educomunicação passa a fazer parte do imaginário e atuação dos seus educadores e estudantes (Pereira, 2012).

Três monografias do curso de especialização em *Mídias na Educação*, orientadas por pesquisadores do NCE-USP, averiguaram que a rede de ensino Sesi, ligada à indústria (Zanin, 2013; Andrade, 2013), e o sistema de ensino COC (Rodrigues, 2013) estão realizando ações comunicativas com fortes indícios educacionais que dialogam com o pensamento do Núcleo por apresentar abertura ao paradigma em sua gestão, currículo, projetos interdisciplinares e material didático, ultrapassando o simples uso das tecnologias na escola para melhorar a performance do professor, sua didática ou metodologia. O foco principal nessas ações reside na gestão de processos comunicativos mediados com metodologias inovadoras e democráticas, levando os alunos a se tornarem protagonistas em todo o percurso.

EDUCOMUNICAÇÃO, INTERDISCIPLINARIDADE E PROTAGONISMO

Seja nos materiais didáticos impressos ou digitais, a intertextualidade leva os educadores e estudantes a desenvolverem atividades e projetos comunicativos que facilitam o diálogo e o desenvolvimento das dimensões lúdica, didática e educacional aliadas às áreas educacionais (Soares, 2012; Pereira, 2012). Atendendo aos anseios dos alunos quando estão com recursos tecnológicos em mãos – o brincar – a perspectiva lúdica se manifesta durante o manuseio dos equipamentos de produção radiofônica que permite a aproximação de seu cotidiano com o exercício de sua imaginação (Soares, 2012). Isso requer que o educador seja um mediador e

saiba realizar seu trabalho com intencionalidade mediante um planejamento didático adequado durante o processo de ensino para que o uso do rádio, do jornal, da revista, dos blogs, dentre outros, possa se converter também em suporte midiático.

Muitos educadores não se contentam com as fases lúdica e didática, prosseguem para a dimensão educacional ao propor que o manejo dos recursos tecnológicos melhore o fluxo comunicativo e proporcione um processo de ensino/aprendizagem coletivo, colaborativo e criativo. Associam outras linguagens aos recursos tecnológicos, envolvem outros professores e estudantes com projetos interdisciplinares para melhorar as relações da comunicação dentro da escola, criando ecossistemas comunicativos abertos e criativos que se associam:

(...) ao tratamento de outros objetivos relacionados com a prática da cidadania, como o envolvimento da comunidade com a educação ambiental, a redução ou eliminação do bullying, ou mesmo a promoção do protagonismo infanto-juvenil no desenvolvimento de ações de interesse da comunidade educativa. (Soares, 2012: 1).

A experiência salesiana expressa no sistema preventivo estabelecido sobre os pilares da razão, religião e *amorevolezza* (amorabilidade) – identificados respectivamente como senso crítico, ecumenismo e relações amigáveis entre alunos e educadores – dialoga com o paradigma educacional. O último pilar é responsável por estabelecer um clima familiar que permite que os alunos se transformem em protagonistas de suas ações, de suas descobertas e de suas produções com os recursos tecnológicos e midiáticos.

Por meio de oficinas que não se configuram em práticas de *oficinismo*¹, os projetos são desenvolvidos processualmente, permitindo que os alunos compreendam como se dá o processo de produção de vídeo, história em quadrinhos, jornal, revista, dentre outros. Apropriando-se dessas técnicas, produzem suas próprias histórias contribuindo “para uma cidadania capaz de reconhecer os problemas de seu entorno sociocultural e intervir responsabilmente na melhoria deles” (PEREIRA, 2012: 235). Dentre os projetos, destacamos a produção de um vídeo para revitalizar um espaço público do bairro e ou de uma revista que não tratasse apenas de temas de variedades, mas contribuísse socialmente.

Da mesma forma, nas ações comunicativas da Rede Sesi o efetivo diálogo sobre as práticas educativas, os projetos interdisciplinares e os eventos formativos da equipe de educadores se fazem presente. O projeto *Desfile Eco-Literário* envolveu alunos e educadores trazendo contribuições ao meio ambiente ao utilizar material reciclado na confecção das roupas para o desfile, além de articular diferentes linguagens comunicativas e o conhecimento literário.

¹ A prática do *oficinismo* se refere à prática em que um especialista ministra oficinas rápidas sem preocupação com a aplicação apropriativa pelos estudantes, ou seja, sem levá-los por meio do diálogo a uma gestão da comunicação capaz de transformação o entorno social. Nessa experiência, o importante é o ensino do manejo das tecnologias desvinculado da experiência cultural que cria ecossistemas comunicativos.

Nas demais redes de ensino, conforme apontam as pesquisas mencionadas², há intencionalidade dialógica que leva os alunos a se apropriarem dos recursos midiáticos para tornarem-se protagonistas na produção de cultura. Entretanto, nota-se que as dimensões lúdica e didática ainda são as mais fortes, necessitando que os *ecossistemas comunicativos* sejam potencializados pela dimensão educacional, o que aconteceria se houvesse maior intencionalidade no trabalho com as áreas da Educomunicação.

As áreas da *educação para a comunicação e reflexão epistemológica*, além de realizarem leitura crítica da comunicação, garantem que haja unicidade entre a teoria e a prática apontando para outra área que é a ligação da experiência educacional: a *gestão da comunicação* que se preocupa em facilitar o processo de comunicação entre todos. Com esse suporte reflexivo, as áreas de *mediação tecnológica e expressão comunicativa através das artes* abrem espaço para o protagonismo juvenil, já que mediadores ajudam os alunos a se apropriarem dos recursos com inventividade e criatividade, manifesta nas produções dos mesmos.

Outra área que vem crescendo no espaço escolar é a *produção midiática* em que veículos de comunicação desenvolvem projetos para serem implementados nas escolas, permitindo que a comunidade escolar faça sua voz ultrapassar os muros da escola. Um exemplo dessa área aconteceu em Itahum, cidade do interior de Mato Grosso do Sul em que, a partir de um jornal mural, um informe escolar e um espaço conquistado no jornal *O Progresso*, de Dourados-MS, os alunos passaram a divulgar e denunciar os problemas do local e reivindicar seus direitos (Barreto, 2012).

A sétima área é a *pedagogia da comunicação* que vem sendo discutida entre as faculdades de Comunicação (ECA) e de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP) desde a identificação do conceito, passando a ser incluída no conjunto das áreas educacionais. Para Soares (2011), essa área é capaz de tecer um diálogo fecundo com o currículo escolar, o protagonismo dos alunos e mediação do professor, que leva a *metodologia da comunicação escolar* a ser vista como comunicação interpessoal, assumida como uma mídia humana (Penteado, 2002).

Contudo, para de fato atender aos critérios educacionais (Rodrigues, 2013: 77), os projetos interdisciplinares precisam se pautar nos seguintes requisitos: dialogicidade, democracia, participação, mediação, motivação, transdisciplinaridade, inclusão, cidadania e uso de mídias, autonomia dos alunos, reflexão, criticidade, criatividade, solidariedade, cooperação, diálogo, protagonismo e qualificação das relações comunicacionais.

Sendo assim, as atividades educativas precisam mostrar preocupação com o posicionamento cidadão dos alunos, seja na análise de jornal, num trabalho grupal e no posicionamento crítico diante de determinado conteúdo, situações que permitem que seja estabelecido um diálogo capaz de desenvolver e exercitar a criatividade dos alunos na expressão da produção de mídias (Rodrigues, 2013: 86).

² Há outras experiências educacionais nas redes de ensino confessionais marista e franciscana em nível nacional; e em redes particulares da cidade de São Paulo: Colégio Bandeirante e Dante Alighieri, ainda não verificadas em pesquisas de pós-graduação.



Figura 1: Áreas educacionais intercaladas com a proposta educativa de Francisco Gutierrez (Pereira, 2012, p.80)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após 14 anos desde a identificação do conceito de Educomunicação e tendo participado ativamente da criação da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), podemos dizer que o pensamento do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) está presente na educação formal, não-formal e informal no território brasileiro, latino-americano e mundial. Isso se deu graças à seriedade das pesquisas realizadas com a intenção de teorizar a respeito da prática educacional, implementação de projetos, programas e eventos na inter-relação Comunicação/Educação.

As pesquisas mencionadas apontaram numa única direção: a ação educacional só é possível quando, junto com o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, há a preocupação em suscitar o protagonismo juvenil em vista da apropriação dos recursos midiáticos como caminho para a inventividade dos envolvidos na produção de seus próprios produtos culturais. É nesse percurso que se faz necessária a presença do educador, um agente mediador capaz de fazer a gestão dos processos comunicativos por meio de um diálogo franco e aberto que envolva a todos na construção do *ecossistema comunicativo*.

É nesse espaço que as relações afetivas corroboram para a existência de uma ambiência que qualifique as relações comunicativas no respeito às diferenças, na cooperação de ações coletivas capazes de levar a todos ao pleno exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPEDUCOM (2013). *Conceito de Educomunicação do NCE/ECA/USP é objeto de pesquisas na Inglaterra e Itália*, 6 set. 2013. Disponível em <<http://www.abpeducom.org.br/2013/09/conceito-de-educomunicacao-do-ncecausp.html>>. Acesso em 29.12.2013.

- Andrade, M. do C. & Carloto, R. de C. Z. (2013). *A educomunicação nas ações comunicativas dos projetos interdisciplinares da Rede Sesi-SP*. V Encontro Brasileiro de Educomunicação. São Paulo.
- Alves, Patrícia Horta (2007). *Educom.rádio – uma política pública em Educomunicação*. 2007. 236 f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- Barreto, C. P. de S. (2012). *Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Educação. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10482/12413>>. Acesso em 29.12.2013.
- Borges, Q. C. G. (2009). *Educomunicação e democracia na escola pública: educom.rádio e o planejamento*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Consani, M. A. (2008). *Mediação Tecnológica na Educação: conceito e aplicações*. Tese de Doutorado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Funari, C. V. (2006). *A prática da mediação em processos educacionais: O caso do Projeto Educom.rádio*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Núcleo de Comunicação e Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Kaplun, M. (1997). Educomunicación – de médio y fines em comunicaci3n. *Revista Latinoamericana de comunicaci3n* – Chasqui 58. Disponível em <<http://chasqui.comunica.org/kaplun.htm>>. Acesso em 05.06.2011.
- Le3o, M. I. de A. (2008). *O papel da Internet nos projetos educunicativos do NCE/USP*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Núcleo de Comunicação e Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Martín-Barbero, J. (1996). Heredando el futuro, pensar la Educaci3n desde la Comunicaci3n. *N3madas*, 5. Disponível em <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=105118998002>>. Acesso em 10.10.2011.
- Machado, S. E. (2009). *Pelos caminhos de Alice: vivências na educomunicação e a dialogicidade no Educom. TV*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Mello, L. F. (2011). *Educomunicação na Educaç3o a Distância: o Diálogo a partir das Mediaç3es do Tutor*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Messias, C. (2011). *Duas décadas de Educomunicação: da crítica ao espetáculo*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Mogadouro, C. de A. (2011). *Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)*. Tese de Doutorado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Oliveira, C. B. M. de (2012). *O impacto do paradigma educunicativo na formaç3o do tutor online: estudo de caso do Programa Mídias na Educaç3o*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Penteado, H. D. (2002). *Comunicaç3o Escolar: uma metodologia de ensino*. São Paulo: Editora Salesiana.

- Pereira, A. A. (2012). *A Educomunicação e a Cultura Escolar Salesiana: A trajetória da construção de um referencial educ comunicativo para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Soares, I. de O. (1999). Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte*, 2, 19-74.
- Soares, I. de O. (org) (2001). *Caminhos da Educomunicação*. São Paulo: Editora Salesiana.
- Soares, I. de O. (2003). Educomunicação. *Novos Olhares – Grupos de estudos sobre práticas de recepção e produtos midiáticos*, 12, 35-41.
- Soares, I. de O. (2011). *Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação, contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas.
- Soares, I. de O. (2012). *Ismar de Oliveira Soares (USP): uso educ comunicativo do rádio pode trazer alegria e autoconfiança*. Entrevista concedida ao Portal do Professor. Edição 68 – Rádio na Escola. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=79&idCategoria=8>>. Acesso em 10.05.2012.
- Rodrigues, J. M. (2013). *Estudo sobre o Sistema de Ensino COC e a possibilidade de aproximação com as práticas de Educomunicação*. Monografia de Especialização lato sensu em Mídias na Educação) – MEC/UFPE/NCE-USP.
- Tavares, R. J. (2007). *Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo.